

LT-19

LT-19

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Os pronomes
TU e VOCÊ:
Alguns aspectos do seu emprego
por alunos de Maputo

Dissertação apresentada em cumprimento
parcial dos requisitos para obtenção do grau de
licenciatura em linguística da
Universidade Eduardo Mondlane

por

Dalila Maria da Costa Cunha

Maputo - Moçambique
1991

8127
C9728
df

C. LETRAS U. E. M.	
R. E.	23460
DATA	15 Março 1991
AQUISIÇÃO	Olet
COTA	LT-19

Os pronomes TU E VOCE: Alguns aspectos do seu emprego por
alunos de Maputo.

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos
requisitos exigidos para a obtenção do grau de
Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo
Mondlane por *Dalila Maria da Costa Cunha*, Departamento de
Letras Modernas, Faculdade de Letras, Universidade Eduardo
Mondlane, Maputo, Moçambique.

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

SUMÁRIO

No estudo aqui iniciado, pretende-se descrever as formas de emprego dos pronomes TU e VOCE em Maputo.

Analisar-se-ão as ocorrências de TU e VOCE em função da relação social estabelecida entre os interlocutores e da classe sociolinguística ocupada pelo locutor.

A dissertação compreende a seguinte estrutura:

o capítulo I dedicado a revisão da literatura relacionada com a ligação Língua/Sociedade;

o capítulo II apresenta a metodologia seguida para recolha e tratamento dos dados;

o capítulo III tem como objectivo descrever e discutir os dados;

o capítulo IV destina-se a apresentar a síntese das conclusões a que se chegou na elaboração deste trabalho.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos quantos contribuíram com críticas e sugestões para a reformulação deste trabalho. Expresso particular gratidão

- Ao Dr. João Gomes da Silva pelo seu empenho e dedicação e pela maneira amável como sempre me recebeu e orientou;
- A Dra. Madalena Arroja pelo seu valioso contributo aquando da redacção do capítulo I;
- Aos meus colegas de curso e de trabalho.

Por último, mas sempre em primeiro lugar, aos meus pais e irmão endereço o meu sincero obrigado por todo o carinho dispensado, sem o qual esta tese não seria possível.

Maputo, Dezembro de 1991

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
REVISÃO DE LITERATURA	
1) Algumas teorias de aprendizagem de uma L ₂	3
2) Sobre a relação língua/sociedade	7
3) A importância da relação língua/sociedade para o estudo dos pronomes de tratamento em Moçambique	10
CAPÍTULO II	
METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	
1) Amostra	12
a) Seleção	12
b) Dados do Inquérito Sociolinguístico	12
2) Procedimentos de trabalho	15
3) Hipóteses de trabalho	15
CAPÍTULO III	
DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	
1) Introdução	17
2) As formas de tratamento na língua Portuguesa	19
3) A relação social	20
4) A classe sociolinguística	31
CAPÍTULO IV	
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	
1) Conclusões gerais	38
2) Recomendações	41
ANEXOS	42
BIBLIOGRAFIA	48

INTRODUCAO

A opção de escolha do Português como língua oficial, em Moçambique, usada na educação formal para a transmissão do saber científico e técnico e em todos os domínios da vida social, representou a implantação de um bilinguismo institucionalizado na medida em que, a maior parte dos cidadãos possui uma ou mais língua(s) Bantu(s) como língua(s) materna(s) e muitas vezes, estabelecem com a língua portuguesa o primeiro contacto ao ingressar na escola. Não queremos no entanto, deixar de considerar o caso de haver falantes bilingues de línguas maternas - falantes de duas ou mais línguas Bantu. Chamamos a atenção para o caso do Português porque se trata de um bilinguismo mais oficial e imposto.

O estudo da aquisição/aprendizagem de língua deve considerar o meio sociolinguístico em que decorre o processo - no caso do Português em Moçambique, uma situação de contacto de línguas - e a oferta linguística disponível ao aprendente fornecida pela família, pelo grupo de amigos e pelo professor na escola; os factores de ordem social auxiliam o falante a "accionar" a sua competência de modo a seleccionar os traços linguísticos adequados as situações reais de comunicação em que se encontra, isto é, a seleccionar as formas de conversação de acordo com o tópico da conversação e a situação social do seu interlocutor empregando, correctamente, os pronomes de tratamento da 2ª pessoa tendo em conta o estatuto social e o grau de intimidade existente entre os interlocutores.

Foi por nós observado que, ao nível do emprego das formas pronominais de tratamento os falantes de Português, em Moçambique, registam problemas na utilização do pronome pessoal da 2ª pessoa do singular tanto para o tratamento de menos formalidade e mais intimidade - TU - como para a forma de tratamento de menor formalidade, dentro do grupo pronominal de mais formalidade - VOCE. No presente trabalho pretendemos compreender a lógica do emprego do pronome de tratamento TU, por falantes de Português em Moçambique, devendo para isso realizar um inquérito sociolinguístico e administrar testes de elicitación de dados a dois grupos de sujeitos: um grupo de falantes de Português como L2 e um grupo de controle, constituído por falantes de Português como L1.

Tratando-se de um ser eminentemente social, o homem usa a língua para se comunicar e interagir dentro da comunidade linguística que o rodeia. A função principal da linguagem é essencialmente a comunicação, sendo o sistema da língua constituído pelo fenómeno social de interacção verbal, ou seja, pelo modo como os falantes de uma comunidade linguística se comunicam, alternando os papeis de emissor/receptor durante a comunicação, obedecendo as normas sociais que regem o emprego das formas da língua. Com base neste pressuposto, propomo-nos compreender:

- Como tanto falantes bilingues de Português como falantes monolingues desta língua, interagindo dentro do mesmo meio sociolinguístico, empregam as formas pronominais de tratamento da 2ª pessoa do singular - TU/VOCE;
- Se a utilização inadequada dessas estruturas se apresenta como resultante da interferência da L1 dos falantes bilingues na língua Alvo (Português);
- Se a pertença a uma classe social determina a escolha do registo usado pelo falante numa dada situação de comunicação de acordo com o interlocutor e o tópico da conversação.

CAPITULO I

REVISAO DA LITERATURA

1) Algumas teorias de aprendizagem de uma L2

A aprendizagem de uma L2 é encarada de diferente modo de acordo com as concepções de língua e aprendizagem. No quadro do Behaviorismo, teoria psicológica, a aprendizagem de uma língua é concebida como um processo de aquisição de hábitos pressionado por uma situação de estímulo-resposta-reforço e dentro do qual o meio ambiente tem um papel fundamental. Para B.F. Skinner (1957), psicólogo americano behaviorista, o sujeito só aprende em função da oferta linguística disponível e a sua actividade dentro do processo de aprendizagem ocupa um papel secundário limitando-se a imitar, repetidamente, sons e estruturas da língua até a criação do hábito. Parcialmente assente na teoria behaviorista é concebido o método de ensino de LE ou L2 baseado na abordagem audio-oral de ensino de língua, cuja concepção assenta no princípio de que a fala (produção oral/ e a audição) (compreensão oral) são as habilidades básicas da língua, dá ênfase ao ensino, conhecido como audio-língua, dá ênfase ao ensino da produção oral e compreensão oral antes da produção escrita e compreensão escrita; faz uso de diálogos e exercícios estruturais que são repetidas várias vezes, na sala de aula. Na abordagem audio-oral, que teve a sua apoteose nos Estados Unidos durante a década de 1950-60, postula-se que cada língua tem o seu próprio sistema de estruturas e regras podendo ser aprendida com base na formação de hábitos. Subjacente ao método audio-oral encontra-se a abordagem estruturalista da língua cujos pressupostos teóricos enfatizam a importância de língua como um sistema, procurando investigar o lugar que as unidades linguísticas (sons, palavras, frases) ocupam dentro desse sistema. A abordagem estruturalista encontra-se associados linguísticas americanos entre os quais se

destaca Bloomfield (1933) e Fries (1945).

A teoria behaviorista foi severamente criticada pela concepção mentalista de aquisição/aprendizagem de língua, postulado construído por filósofos e linguístas de entre os quais o mais conhecido foi Noam Chomsky (1968). De acordo com o mentalismo, a aprendizagem de língua só é possível porque o ser humano possui uma capacidade mental inata, exclusiva a raça humana e universal, que lhe permite adquirir qualquer língua humana, bastando para isso uma exposição a essa língua. Segundo a teoria mentalista, a aprendizagem de língua ocorre independente do meio ambiente cujo papel não é decisivo dentro do processo de aprendizagem de uma L2. No quadro desta teoria, o sujeito ocupa um lugar primordial fazendo uso frequente da sua capacidade mental uma vez que é esta que o habilita a aprender. Assente na teoria mentalista de aprendizagem de uma L2 é concebida a abordagem funcional ou abordagem comunicativa, também denominada Ensino Comunicativo da Língua (Richards, 1989:65); baseada na teoria da língua como comunicação na abordagem funcional, o ensino de língua pretende desenvolver a competência comunicativa.

A noção de competência comunicativa, proposta pelo etnógrafo americano Dell Hymes (1972), contrasta com o conceito de competência da gramática generativa transformacional de Chomsky (1965), forneceu um contributo valioso para a sociolinguística ao mostrar quão relacionada está a utilização das estruturas linguísticas a factores de ordem social. Segundo Hymes (1972) um falante não deve apenas possuir conhecimentos das regras gramaticais para formar enunciados correctos; deverá sobretudo saber usá-los obedecendo a situações reais de comunicação, tendo em conta o interlocutor, a situação de comunicação e tópico de conversação; enquanto a competência linguística abarca a capacidade de um falante produzir frases gramaticalmente correctas, a competência comunicativa diz respeito a habilidade de o falante seleccionar, de entre as alternativas linguísticas ao seu dispôr, as formas apropriadas que

obedecem a contextos comunicativos específicos. Canale e Swain (1980), sugerem que a competência comunicativa consiste minimamente da competência gramatical e da competência estratégica. A competência gramatical diz respeito ao conhecimento das regras de formação de palavras, do vocabulário, da pronúncia e da formação da frase enquanto que a competência sociolinguística reflecte o grau para o qual enunciados específicos são adequadamente usados (p.ex. para o tópico, o estatuto dos participantes e o propósito da comunicação; por sua vez, a competência do discurso envolve ao domínio da combinação das formas gramaticais e dos significados, com o propósito de produzir um discurso (oral) uniforme ou um texto escrito de diferentes tipos (narrativo, argumentativo, relatório científico); a competência estratégica refere-se do domínio das estratégias de comunicação que podem ser usadas, pelo falante, para aumentar a eficácia da comunicação ou para se compensar das interrupções resultantes da limitação dos factores, na comunicação real, ou da insuficiente competência num ou mais componentes da competência comunicativa.

2 A aprendizagem de uma língua segunda pode correr em qualquer idade e de diferentes maneiras. Ao adquirir uma L2, o falante passa a ser considerado bilingue estando portanto, numa situação de bilinguismo. 3

Canale e Swain (1980) e Canale (1983) in: J. Cummins (1986:168-209).

Este conceito, tem sido definido, pelos linguístas, obedecendo a vários critérios. Para Weinreich (1953) distinguem-se três tipos de bilinguismo: O bilinguismo coordenado (fenómeno em que o falante tem dois sistemas de significado para as palavras: um para as palavras que conhece na sua L1 e outro para as da L2), o bilinguismo composto (quando as duas formas conhecidas pelo falante têm um significado idêntico, como "book" e "livro") e o bilinguismo subordinado (caso em que uma língua é dominante e os significados da língua dominada são

interpretadas através da língua dominante). Ervin e Osgood (1954) reformularam a teoria de Weinreich distinguindo apenas bilinguismo composto de coordenado; segundo eles, o bilinguismo composto refere-se ao fenómeno em que as duas línguas são adquiridas e usadas no mesmo contexto enquanto que o bilinguismo coordenado ocorre quando as duas línguas são adquiridas em diferentes contactos. Para Klein (1984:11-12) surge em termos de aquisição bilingue de língua primeira, na qual duas línguas cujos sistemas têm traços comuns (como modalidade, regras sintáticas, etc), são aprendidas em paralelo tratando-se assim de duas línguas primeiras (bilinguismo composto); para este linguista, o sujeito bilingue de língua primeira desenvolve um Unico sistema com várias componentes alternando conforme a língua que usa. O segundo tipo de bilinguismo, para o mesmo autor, refere-se ao caso em que um falante adquire uma L2, adicionada a L1, dando origem ao que denomina bilinguismo coordenado; este falante já havia construído um sistema para a sua L1 desenvolvendo em seguida, outro sistema quando adquire a L2, operando com as duas línguas em paralelo. De modo geral, o bilinguismo é definido como "o uso de uma ou mais línguas ou por um indivíduo ou por um grupo de falantes, habitantes de uma região particular ou de uma nação" (Richards, Platt e Weber; 1985:29).

Biling
Coop

Biling
Coord

Def de
Biling
Coop

No processo de aprendizagem de uma língua observa-se a ocorrência de um tipo de linguagem produzida por aprendentes de uma L2 ou Le, a interlíngua. Introduzida por Selinker (1972)/ a noção (interlíngua) refere-se a variedade da LA que constitui uma parte do conhecimento linguístico implícito ou da competência do aprendente de L2 o qual passa por uma série de interlínguas até atingir o domínio da LA. A interlíngua não é uma espécie de linguagem entre a L1 e a L2 com traços e categorias de ambas mas um sistema intermediário caracterizado por traços estruturais resultantes das estratégias de aprendizagem de línguas. (Appel and Muysken; 1989:83) Durante o processo de aprendizagem de língua os erros cometidos pelos aprendentes, no quadro conceptual da

Interlíngua
Selinker

interlíngua, são causados por (a) empréstimos da LM para L2; pela (b) extensão de modelos da LA e pela expressão de significados utilizando palavras e estruturas gramaticais já conhecidas. Esta linguagem, que difere tanto da L1 como da L2, referida anteriormente como a interlíngua diz-se resultar de um sistema aproximativo.

Retornando as teorias psicológicas de aprendizagem de línguas observa-se que, apesar de possuir aspectos negativos como o de considerar o reforço item essencial no processo de aprendizagem, o Behaviorismo tem o ser valor uma vez que atribui ao meio (contexto social) um papel de destaque dentro do processo de aprendizagem de línguas. A aprendizagem não envolve obrigatoriamente uma sequência de imitações como postula a teoria behaviorista pois se assim fosse, o aprendente não seria capaz de produzir enunciados que outrora não havia ouvido.

A teoria mentalista apresenta um contributo valioso ao dar suprema importância a capacidade mental do indivíduo. No entanto, a influência do contexto social é excluída.

2) Sobre a relação língua/sociedade

A língua é tanto propriedade individual quanto social. Assente neste princípio, Bloomfield (1933) sugeriu que se considerasse a comunidade de falantes como um grupo de pessoas que interage através do uso de uma mesma língua. A sociolinguística, disciplina cujo objecto de estudo é a língua em relação a factores de ordem social como classe social, sexo, idade, incorpora outra dimensão a definição de comunidade falante ao considerar que os membros de uma comunidade não só devem partilhar um conjunto de regras gramaticais como também estabelecer relações regulares entre o uso da língua e a estrutura social devendo, nesta perspectiva, existir normas que podem variar de acordo com o subgrupo e com a situação em que decorre a comunicação. Linguistas como Jack Richards (1972) haviam sugerido, com base em estudos sobre a aprendizagem de L2 cuja utilização não se restringe a um contexto limitado (tal como em Moçambique e língua portuguesa é usada fora

da sala de aula) que os aprendentes se confrontam com diferentes variantes da L2 em função do que conhecem e aprendem na escola; tais variantes constituem interlinguagens produzidas em função da aprendizagem e utilização dessa L2.

A relação que a língua estabelece com a sociedade, de modo estreito, na qual ambas se influenciam dá origem a mudanças dentro das estruturas da língua como reflexo de processos sociais. Estudos sobre contextos sociais nos quais a língua é usada, mostram que muitos itens da estrutura dessa língua estão em variação sistemática/investigações realizadas por William Labov (1964), que culminaram com a publicação da obra "The Social Stratification of English in New York City", são exemplo da mudança do comportamento linguístico (neste caso, a variação de itens fonológicos) de acordo com a posição social do falante. De acordo com este sociolinguista, a variação do comportamento linguístico não exerce uma forte influência na mudança social; em contrapartida o comportamento linguístico muda tão rapidamente quanto o faz o estatuto social ocupado pelo falante, facto que sublinha a flexibilidade da língua como indicador de mudança social. Na medida em que a relação existente entre a língua e a sociedade é tão estreita e a escolha dos enunciados apropriados é governada pelos factores sociais (como estatuto dos participantes, propósito de comunicação, situação de comunicação) os falantes de uma língua particular devem ter o domínio (competência comunicativa) dos traços sócio-culturais que governam e envolvem o acto de comunicação. Ervin e Tripp (1977) sugerem, com base em estudos efectuados com crianças, que a aprendizagem das regras formais da sociedade e da cultura decorre em simultâneo com a aquisição da língua, neste caso uma L1. Em relação a aprendizagem de L2 Shoshana Blum-Kulka (1982) afirma que um falante nativo de uma língua domina as alternativas linguísticas disponíveis, na sua L1, para entender e expressar correctamente qualquer intenção

comunicativa (sentimentos, convenções, desejos), dominando também a relação entre as estruturas dessa L1 e os traços do contexto social. Confrontado com a aprendizagem de uma L2 espera encontrar equivalentes de significado directo ou indirecto para se expressar na L2; a componente linguística da sua competência comunicativa capacitá-lo-á a relacionar a informação linguística a contextos situacionais. Porém, a complexa interdependência entre os factores sociais e os linguísticos pragmáticos na L2 frequentemente o impedem de encontrar o significado através da língua.

Os factores de natureza sócio-cultural que governam a escolha dos enunciados apropriados para um acto de comunicação particular seja na L1 ou na L2 do sujeito, são denominados factores de interação. São nomeadamente a situação, o estatuto social dos participantes, a idade, etnia e sexo dos interlocutores e o grau de intimidade existente entre eles. Como documentam estudos levados a cabo em seis línguas europeias pelos linguistas Brown e Gilman (1960) a selecção das formas de tratamento se baseou, inicialmente, na relação emissor/receptor (factor de interação) tendo suporte histórico na distância (poder de um em relação ao seu interlocutor) ou intimidade; as variações do uso dos pronomes de tratamento - TU/VAI, TU/VOI, TU/VOS, DU/SIE, YOU - estavam associadas ao estrato social do falante e tinham a ver com o grau de intimidade (solidariedade) ou distância (poder) entre os interlocutores. A escolha do pronome pessoal de tratamento da 2ª pessoa é regida, para além do estatuto social já referido, por factores como idade, sexo e etnia dos interlocutores; como exemplo é referido que, em algumas línguas, existe um estilo particular de uso da língua (e obviamente dos pronomes de tratamento para a situação em que um adulto se dirige a uma criança (Ferguson, 1964).

Brown
Gilman

TU/VOI

A problemática do emprego das formas de tratamento, em particular dos pronomes pessoais de tratamento, inspirou Dell Hymes (1972) na conceptualização da noção de competência comunicativa de um falante, mostrando como a

maneira como o falante usa a língua está estreitamente ligada ao modo como ele entende a estrutura social, em que esta inserido, e nela interage. Mauro Fernandez (1989) sumariza sugerindo que grande parte da comunicação da criança tem pontos de apoio explícitos e baseados na sua experiência: um interlocutor, um lugar, uma situação perceptível no momento ou percebida no passado.

3) A importância da relação língua/sociedade para o estudo dos pronomes de tratamento em Moçambique.

No estudo da aprendizagem e utilização da língua portuguesa em Moçambique a relação língua/sociedade desempenha um papel importante na medida em que o Português se encontra numa situação de diglossia, coexistindo com as línguas moçambicanas do grupo Bantu e ainda com as línguas estrangeiras (como Inglês) faladas por um número cada vez maior de cidadãos, sobretudo nas zonas limítrofes com os países vizinhos. E neste âmbito que Ngunga (1987) propõe uma redefinição do conceito de diglossia postulado por Ferguson apresentando-o em termos de "como neste país (Moçambique) as diferentes línguas se relacionam entre si e como são usadas".¹

① Outro aspecto diz respeito a interferência de línguas característica de uma situação de contacto de línguas, em que os falantes de uma L1 aprendendo uma L2 transferem os traços linguísticos e pragmáticos da sua língua materna para a língua em aprendizagem, pressuposto postulado por R. Lado (1957) na sua HAC (Hipótese da Análise Contrastiva). Ainda sobre o fenómeno da aprendizagem de uma L2 num contexto sociolinguístico caracterizado pelo contacto de línguas como é o caso de Moçambique há a considerar o facto de tal aprendizagem formal da língua ser feita na escola onde o próprio professor tem o Português como L2 e dele possui fraco domínio como Armindo Ngunga & Inês Machungo (1990) referem: "investigações parecem indicar que o nível da 6ª Classe (que, na melhor das hipóteses, é o nível do

professor primário) ainda constitui uma fase do processo de aprendizagem de língua".²

Um último factor que justifica a revisão da bibliografia anteriormente apresentada assenta por um lado sobre o facto de, a aprendizagem/aquisição de uma língua, se processar em simultâneo a aquisição das estruturas linguísticas e a aquisição das normas socialmente partilhadas de utilização dessas mesmas estruturas linguísticas, com as quais o aprendente se vê confrontado quando pretende comunicar; por outro auxilia a compreender, ou melhor, a verificar até que ponto a classe sociolinguística influi na performance dos aprendentes de Português em Moçambique ao nível do emprego dos pronomes de tratamento.

1. Ngunga, Armindo & Machungo, Inês. "O ensino de línguas na Educação formal em Moçambique" in: Tempo, 16/12/90.
2. Idem.

CAPITULO II

METODOLOGIA DE INVESTIGACAO

1-AMOSTRA

a) seleccao

Os dados foram fornecidos por uma amostra de 40 da 5. classe, estudando na Escola Primaria da Coop, com idades variando entre 10 e 15 anos.

Atraves das respostas as perguntas 6 e 7 do inquerito sociolinguistico foram seleccionados os alunos monolingues e bilingues; aqueles que responderam dizendo que falavam Ronga, Changane(ou ate "landim' .) ou dialecto e Portugues foram considerados bilingues; os que referiram falar so Portugues foram classificados como monolingues.

Apesar de termos consciencia que nem todos os sujeitos foram honestos nas suas respostas nao tivemos outra alternativa senao aceita-las mesmo porque nao tinhamos nenhum outro meio de obtencao destas informacoes.

b) Dados do inquerito sociolinguistico

Pelo inquerito foi possivel determinar que 24 criancas (60%) sao bilingues pois referiram falar uma lingua mocambicana e Portugues, tendo aprendido primeiro a lingua Bantu e depois Portugues. No entanto apesar de conhecerem e falarem a sua L1 nem todos os sujeitos fazem uso dela no seu quotidiano. Segundo informaram, em entrevista 29,1% destas criancas falam a sua lingua materna em casa e com os colegas no intervalo; 20,8% afirmaram fala-la irregularmente limitando o seu uso as situacoes em que tem de comunicar com parentes idosos que nao falam Portugues. assim de acordo com os dados observa-se uma heterogeneidade de uso da L1 por parte dos falantes bilingues.

Da amostra, 16 criancas sao monolingues (40%) falantes de Portugues como L1; 31,25% afirmaram que seus pais falam uma lingua mocambicana mas que nao o fazem consigo.

Ao longo do trabalho trataremos os grupos por grupo de bilingues ou grupo B e grupo de monolingués ou grupo A.

Atraves do inquerito verificou-se tambem que os grupos eram constituídos por individuos de diferentes estratos sociais. Optamos entao por agrupa-los em duas grandes classes a que chamamos "classes sociolinguísticas" a saber :

_ a classe de funcionarios : congrega em ambos os grupos filhos de enfermeiros, professores, comerciantes, empregados bancarios, funcionarios publicos e empregados comerciais ;

_ a classe de operarios que agrupa filhos de operarios fabris, vendedeiras, camponeses, mineiros, empregados domesticos, militares e trabalhadores de oficinas.

Para alem da profissao dos pais foi tambem utilizada a informacao sobre o local de residencia como criterio para determinacao da classe dos sujeitos. Observando o quadro VI capitulo III, podemos verificar que a percentagem de residentes no centro da cidade e maior que a dos residentes nos bairros da periferia no grupo A, embora as duas classes deste grupo tenham numero igual de sujeitos. No grupo B as maiores percentagens localizam-se nos bairros suburbanos em detrimento dos do centro da cidade.

Sobre o monolinguismo dos sujeitos deve-se ter em conta o facto de se encontrarem inseridos num contexto sociolinguístico predominantemente bilingue. Embora sejam filhos de bilingues e nao falem a lingua materna de seus pais, eles nao podem ser igualados aos falantes nativos de Portugues em Portugal, pais onde nao se fala outra lingua mas sim variantes da mesma lingua. Alguns factores parecem contribuir para a existencia de monolingués na cidade de Maputo; sao eles :

a) o facto de pertencerem a uma classe socio-economica elevada ou trabalharem em instituicoes publicas onde obrigatoriamente tem de utilizar o

Portugues;

b) a utilizacao do Porutgues na escola faz com que ela seja tratada como lingua de prestigio. Sendo assim, os pais destas criancas evitam a comunicacao nas suas linguas maternas considerando que estas possam ser a causa do fracasso escolar de seus filhos.

Paralelo ao monolinguismo em Maputo, esta o fenomeno de criancas bilingues registarem maior utilizacao da lingua portuguesa do que da sua lingua materna ; sao elas as criancas da classe de funcionarios que se preve apresentarem indices de emprego correcto dos pronomes TU e VOCE proximos dos do grupo A, nosso grupo de controle uma vez que estamos a elicitar dados da sua lingua materna.

2) Procedimentos de trabalho

Para elicitacao de dados foram usados :

- a) um teste de escolha;
- b) duas cartas : uma a um amigo ou colega e outra ao professor;
- c) entrevistas a 10 falantes de Tsonga.

Para o tratamento da informacao calculou-se :

- _ as percentagens de ocorrencia dos pronomes sobre valores absolutos ;
- _ o valor do X^2 (qui-quadrado) sobre valores absolutos.

3) Hipoteses de Trabalho

As hipoteses que nortearam o trabalho foram :

- _ falantes de Portugues como L1 ou como L2, em Maputo utilizam simultaneamente TU e VOCE para se dirigirem ao mesmo interlocutor;
- _ a classe sociolinguistica do falante nao determina.

a ocorrência de TU e VOCE na performance desse falante num mesmo contexto (mesmo interlocutor, mesma situação de comunicação).

CAPITULO III

DESCRICAO E DISCUSSAO DOS RESULTADOS

1) INTRODUCAO

No capítulo que ora inicia pretendemos apresentar e discutir os resultados obtidos através dos testes de elicitación de dados. Começemos, em primeiro lugar, por fazer uma breve descrição sobre as regras do emprego das formas de tratamento no Português padrão europeu. Escolhemos esta variante por se tratar da norma vigente em Moçambique e, por conseguinte, ensinada na educação formal. Estudaremos o emprego dos pronomes pessoais de tratamento da 2ª pessoa do singular, em Moçambique.

Os dados (apresentados estatisticamente) referem-se aos índices de utilização dos pronomes TU e VOCE por crianças falantes de Português como L1 e falantes bilingues de Português e de uma língua Bantu (de Moçambique). Sobre os falantes monolingues de Português há a referir que não podem, de modo algum, ser comparados e equiparados aos falantes também monolingues da Língua Portuguesa em Portugal uma vez que enquanto estes tomam contacto com mais do que uma variante regional da mesma língua durante o processo de aquisição do Português, os falantes de Português L1 (monolingues) em Moçambique se encontram inseridos num contexto sociolinguístico multilingue caracterizado pelo contacto de línguas e pelos fenómenos de interferência daí decorrentes; de acordo com o teste sociolinguístico ministrado (v. anexo 1) e com as entrevistas a que foram submetidos, verificámos que 31.25% dos monolingues são filhos de falantes de uma (ou mais) língua(s) moçambicana(s). Ainda sobre estes falantes de Português L1 há a referir que "de acordo com os dados do Recenseamento Geral da População realizado em

1980, o Português é falado em Moçambique por 24,4% dos 12.300.000 habitantes sendo de 1,2% a percentagem de falantes do Português como língua materna." ¹

1. Ngunga, Armindo & Machungo, Inês: "O Ensino de Línguas na Educação formal em Moçambique" in: Tempo, 16/12/90.

2) As formas de Tratamento na Língua Portuguesa

As formas de tratamento são usadas pela 1ª pessoa do discurso para se dirigir ao seu interlocutor, portanto a 2ª pessoa. Distinguem-se as formas de tratamento pronominais, as nominais e as verbais.² Os tratamentos pronominais da 2ª pessoa do singular são representados pelos pronomes pessoais do tipo TU, VOCE (para o singular) e VOS (em desuso), VOCES para o plural, V. Exa. e V.Exas; os tratamentos nominais constituídos por O SENHOR, A SENHORA, OS SENHORES, AS SENHORAS, O SENHOR DOUTOR, O SENHOR MINISTRO, o pai, a mãe, o avó, etc. por último, os tratamentos verbais dizem respeito ao simples emprego da desinência verbal como referência ao alocutário.³

No Português padrão europeu, a distinção entre o emprego dos pronomes TU e VOCE é feita em termos das relações estabelecidas pelos interlocutores, sendo o pronome TU usado na interacção verbal entre falantes com relações sociais de intimidade (ou amizade) ou familiaridade, entre indivíduos da mesma faixa etária ou ainda de faixa etária superior para os mais novos, enquanto que VOCE pode também ser usado com o mesmo valor social de TU sendo, no entanto, uma marca de distância entre os locutores; variante popular oriundo de VOSSA MERCE⁴ (usado no tratamento indirecto com as pessoas de categoria superior) embora não conversando o mesmo valor semântico, marca o tratamento igualitário dos interlocutores ou o modo como um indivíduo de faixa etária superior, de classe social elevada ou ainda hierarquicamente superior se dirige ao seu alocutário de estatuto inferior (idade, classe social ou hierarquia profissional).⁵ No Português europeu, ainda não é aceite o emprego de VOCE para o tratamento de inferior para superior havendo, neste caso, necessidade de recurso as formas nominais (de tratamento)

ambos
de
de

que segundo Lindley Cintra (1965 in: Cintra, Luís F.L. "Sobre "Formas de tratamento" na língua Portuguesa" p. 11-13): " (...)

lembra alguma coisa própria da pessoa com quem falamos (...)" como a categoria social ou profissão ou o grau de parentesco, " ao passo que um tratamento pronominal e, do mesmo modo, uma desinência verbal nada evocam do que caracteriza o interlocutor e têm a sua função limitada a chamar a atenção deste para o enunciado que lhe diz respeito". Contudo, no Português, distinguem-se a forma pronominal de tratamento de intimidade - TU - da forma de tratamento também pronominal empregue na alocução de igual para igual ou de superior para inferior não implicando intimidade. - VOCE. Estas são portanto, as formas cuja utilização em Moçambique, mais concretamente na Cidade de Maputo, será aqui descrita, em função de duas variáveis: relação social entre os interlocutores e classe sociolinguística do locutor.

2. Cintra, Luís F. Lindley. "Sobre "Formas de tratamento" na Língua Portuguesa". Lisboa, 1972, p.11-13.

3. Idem.

4. Ali, M.Said. "Gramática Histórica de Língua Portuguesa". São Paulo, 1964, p.93-94.

3) A Relação Social

No processo de comunicação e de interacção verbal existem factores reconhecidos na literatura como factores de interacção (o estatuto social dos interlocutores, a situação de comunicação, a idade, a etnia e o sexo pelos participantes e o tipo de relação entre eles existentes), que regulam (a interacção) e se distribuem por situações concretas de interacção.

A relação social existente entre os sujeitos do discurso governa a selecção do pronome de tratamento adequado. Na análise do "corpus" recolhido foi verificado que no teste de escolha (v.anexo 2) 68.75% dos falantes monolingues de

Português seleccionam o pronome TU para o tratamento com o irmão mais novo e 87,5% dos sujeitos do mesmo grupo seleccionam o mesmo pronome para o caso em que o interlocutor é o seu colega, enquanto que no grupo de bilingues 79,13% fizeram a mesma escolha para a primeira situação e 62,46% para a segunda. Em ambos os casos, os alocutários se enquadram na classificação definida para o emprego do pronome TU no Português europeu (padrão) uma vez que estabelecem com o locutor relações sociais de amizade e parentesco. Como documentam estudos realizados por Brown e Levinston (1979) nas línguas Francesa, Inglesa e Alemão os factores de poder e solidariedade determinam a selecção do pronome; "solidariedade" constitui o valor semântico atribuído ao pronome TU pelo seu emprego na interacção verbal entre falantes que entre si estabelecem relações de amizade ou intimidade como o ilustra o quadro seguinte sobre as percentagens de selecção do pronome TU no teste de escolha.

5. Cunha, Celso, Cintra, Lindley. "Gramática do Português contemporâneo". Lisboa. 1989.

QUADRO I

Pronome TU no tratamento de familiaridade e amizade.

Alocutário	Grupo A	Grupo B
Irmão mais novo	68,75%	79,13%
Colega	87,5%	62,46%

De acordo com o que observamos o fenómeno de emprego do pronome TU pelas crianças moçambicanas e as regras sociais⁶ que determinam a selecção do pronome estão associados ao tipo de relação social mantida entre os sujeitos, neste caso uma relação de parentesco, amizade e identidade etária, corroborando com as regras estabelecidas na língua Portuguesa europeia que atribuem a este pronome os traços semânticos de (+familiaridade, +amizade). O aluno moçambicano selecciona o pronome TU para se dirigir ao interlocutor com quem mantém uma relação social de amizade, familiaridade ou solidariedade em actos ilocutórios directivos (v.anexo2) nos quais o objectivo é "tentar que o alocutário realize futuramente um acto verbal ou não verbal que reflecte o reconhecimento por parte desse mesmo alocutário, do conteúdo proposicional do enunciado proferido pelo locutor"⁷ através da expressão de uma ordem. Entanto que processo de comunicação, a interacção verbal é importante não só pela informação que é veiculada mas também pelas formas como essa comunicação se mantém,⁸ no âmbito da descrição do emprego dos pronomes de tratamento (TU e VOCE) pelas crianças moçambicanas observamos na análise do "corpus" escrito (traduzido em percentagem de ocorrências no quadro I) e na oralidade os falantes do Grupo A (monolingues) e do Grupo B (bilingues) fazem uma escolha acertada do pronome TU, referente ao interlocutor com o qual estabelecem uma relação de proximidade. Do mesmo modo Brown e Levinston (1979) in: Wardhaugh, Ronald; An Introduction to sociolinguistics, 1986:255) afirmam que a utilização de TU e VOCE está inicialmente ligada aos tipos de relações sociais existentes entre os sujeitos que se reflectem ao nível do emprego destes pronomes durante o processo de interacção.

Se por um lado uns alunos seleccionam o pronome TU para o tratamento com um lado uns alunos seleccionam o pronome TU para o tratamento com um indivíduo da mesma idade, amigo, ou parente num acto directivo, por outro se

observa a opção pelo pronome VOCE para os mesmos alocutários como se pode ler no quadro abaixo:

6. Pronome TU (2ª pessoa do singular) "forma ligada a intimidade".
7. Mateus, Maria Helena Mira, et. al. "Gramática da Língua Portuguesa" 2ª pessoa. ed. Lisboa, 1989 (p 127-8).
8. Idem.

QUADRO II
PRONOME VOCE EM TRATAMENTOS DE FAMILIARIDADE E AMIZADE
 (teste de escolha)

Interlocutor	Grupo A	Grupo B
Irmao mais nov	31.25%	20.8%
Colega	12.5%	37.5%

Uma explicação possível para este fenómeno poderia ser feita recorrendo a história do Português em Moçambique e a forma como este pronome (VOCE) era usada pelo colonizador, isto é, a conotação depreciativa que o tratamento por VOCE transportava; aliás, uma parte da definição do pronome VOCE é fornecida pelo dicionário da língua portuguesa em termos de "forma de tratamento dirigida a pessoas de condição humilde (...)".⁹ No contexto de um acto ilocutário directivo, no qual se dá uma ordem, empregando VOCE ao dirigir-se ao interlocutor que com ele mantém uma relação social de proximidade (ou "solidariedade") o aluno parece colocar-se numa situação de superioridade, em relação ao alocutário (seu irmão mais novo, seu colega) igualando-se assim ao "patrão" que se dirige ao "empregado" distanciando-se dele. Encarado nesta perspectiva o emprego do VOCE neste contexto poderia ser visto como um "desvio" herdado das gerações anteriores a do aluno, que se cristalizou ou fossilizou e que lhe é fornecido pelo meio social. Dentro da mesma perspectiva, ao utilizar VOCE dirigindo-se ao irmão mais novo, o aluno parece imitar ou reproduzir um comportamento que viu no pai ou professor, assumindo uma atitude autoritária ou "inferiorizante" perante o seu

alocutário.¹⁰ Aceitando esta hipótese, estaríamos a assumir também que o aluno reconhece o valor social de VOCE e que perante um enunciado ordenativo seleccione o pronome para exactamente, expressar ou demarcar uma atitude (superioridade, autoridade, poder) em relação ao interlocutor.¹¹ Porém, é preciso considerar que

9. Costa, J. Almeida e Melo, A. Sampaio e "Dicionário da Língua Portuguesa". Porto, (s.d.), Porto Editora.

estas crianças encontram-se num processo de aprendizagem do Português, para uma L1 e para outras L2, dentro do qual vão colocando hipóteses sobre a língua, adoptam estratégias de comunicação (evitação), fazem sobregeneralizações de regras até por vezes as ignoram, produzindo interlínguas;¹² contudo esta hipótese foge do âmbito da nossa discussão, merecendo uma análise mais aprofundada de cada interlíngua, particular a cada falante/aprendente.

Retomando a hipótese da utilização do pronome VOCE, no relacionamento entre indivíduos igualitários (parentes, na mesma faixa etária, com relações de amizade) em contextos nos quais se expressa uma ordem, diríamos que deve ser aceite com reservas pois, da análise efectuada as composições dos sujeitos, verificou-se que as crianças empregam o pronome TU e as concordâncias por ele seleccionadas (forma verbal na 2ª pessoa do singular, pronomes pessoais complemento TE e TI, pronomes demonstrativos TUA e TEU) obedecendo as regras gramaticais da norma europeia da língua portuguesa significando assim, que conhecem as regras sociais de emprego do pronome TU de acordo com o tipo de relação que mantêm com o seu interlocutor levando-nos a afirmar com segurança que as crianças moçambicanas conhecem as regras sociais de emprego do pronome TU e das concordâncias por ele geradas, equiparando-se deste modo a utilização do pronome no Português europeu referenciada pelos gramáticos da língua portuguesa. Sobre o emprego do TU no Português europeu actual Lindley Cintra (1989) referiu que " o pronome TU é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se (...) entre irmãs os ou amigos, (...) entre colegas de faixa etária igual ou próxima."

Assim, o pronome TU é empregue em Moçambique pelas crianças como tratamento de (+ intimidade, + amizade, + familiaridade) para interlocutores da faixa etária igual ou próxima. Em contrapartida, o uso do pronome VOCE em actos directivos associados (provavelmente) a um fenómeno de atitude do falante em relação ao seu alocutário - de superioridade, autoridade (também designada como "poder") ou distanciamento - analisado dentro do discurso, não limitado apenas ao contexto de um enunciado particular cuja escolha era orientada, apresenta-se como uma forma paralela do pronome TU empregue dentro do mesmo contexto discursivo e em relação ao mesmo interlocutor; o quadro III ilustra, percentualmente a frequência do emprego deste pronome:

10. Bernstein.

11. Este fenómeno estaria, até certo ponto, explicado pela definição do pronome VOCE no Português europeu - forma usada no tratamento de igual para igual - não implicando porém uma relação de intimidade, contrariamente a que existe neste caso.

12. Ngunga, Armindo & Machungo, Inês (1990) referem que o próprio professor moçambicano se encontra numa fase do processo de aprendizagem de línguas no qual formula hipóteses e produz interlínguas.

QUADRO III

USO DO PRONOME VOCE (para colega e professor)

Pronomes	Monolingués	Bilingués
TU e VOCE (no mesmo contexto)	29.25%	29.1%

Contrastando com as percentagens de emprego do pronome VOCE no teste de escolha, dirigido ao colega.

QUADRO IV

Alocutario	Pronome	Monoling.	Bilingués
Professor e Colega (amigo)	TU e VOCE	29.25%	29.1%
Colega	VOCE	12.5%	37.5%

poder-se-ia colocar a hipótese (sustentada pela percentagem de ocorrência de VOCE em enunciados directivos) do que em determinadas circunstâncias como é o caso da expressão de uma ordem, dominada por certas emoções a criança emprega VOCE para marcar um

distanciamento ou uma relação de autoridade perante o alocutário; embora este emprego do VOCE em actos

directivos (orais e escritos) não seja exclusivo uma vez que também ocorre TU, o fenómeno parece ser importante para um estudo sustentado em termos de atitude do falante baseadas em comportamentos observados no seu universo referencial pois, como postula Mauro Fernandez (1989) grande parte da comunicação e interacção verbal da criança tem pontos de apoio explícitos e baseados na sua experiência: um interlocutor, um lugar, uma situação perceptível no momento ou observada e percebida no passado; na sequência do postulado de Fernandez poderíamos sugerir que no processo de aprendizagem de língua, a criança recebe a oferta linguística que lhe é fornecida pelo meio sociológico, no caso da Cidade de Maputo caracterizado pelo contacto de línguas e pelos fenómenos de interferência daí decorrentes factores muitas vezes responsáveis pela "cristalização" ou "fossilização" dar ocorrência de uma variável linguística, passando a reproduzir o ^{que} ouve ou observa durante o processo de formulação de hipóteses típico da aprendizagem/aquisição de uma língua. Um estudo deste fenómeno forneceria contributos valiosos para a concepção de uma variante moçambicana do Português.

No entanto, é preciso apresentar aqui a ocorrência de frases, por nós consideradas erradas uma vez que não obedecem as regras de concordância gramatical estabelecidas para a língua portuguesa. São os casos de:

- (1) * Voce estás bom?
- (2) * Como voce passa as tuas férias?
- (3) * Receba cumprimentos do teu irmão.

Uma pequena recolha de dados do Tsonga mostrou "a priori" haver uma interferência desta língua no Português; fornecidas pelos falantes, as frases:

(4) Wahanya xana?

(5) Xana uthira yini he nkama lowu wakuwisa?

(6) Ndzakurungula mina Mujodzisiwa waku

cujas traduções literais são:

(4) a. Tu estás como?

(5) a. ? fazes o quê no tempo este de descanso?

(6) a. Eu te cumprimento eu aluno teu

possuem dois equivalentes em Português

(4) Wahanya xana?

(4) a. como estás tu?

(4) b. como está voce?

(5) Xana utirha yini hi nkama lowu wakuwisa

(5) a. ? o que fazes neste tempo de descanso?

(5) b. ? o que faz neste tempo de descanso?

(6) Ndzakurungula mina mujondzisiwa waku.

(wa wena)

(6) a. cumprimenta-o o seu aluno.

(6) b. cumprimenta-te o teu aluno.

Qualquer um dos equivalentes foi considerado possível, pelos informantes de Tsonga (para os quais existe apenas um pronome WENA para o tratamento de formalidade) que equivale a TU e VOCE. Aceitando-se a hipótese de interferência do Tsonga no Português a explicação da ocorrência de frases como (1), (2) e (3) poderia ser feita na base da escolha zero (0) dentro da escala de dificuldades na aprendizagem de uma L2/LE proposta por Stockwell e Bowen (1965).¹³

Todavia, este problema não será aqui tratado com maior profundidade por escapar ao âmbito do nosso trabalho e ser objecto de estudo de uma análise do erros baseada na análise contrastiva das duas línguas. O fenómeno é considerado neste trabalho apenas por se tratar de um

"desvio" decorrente do contacto de línguas e consequentemente, do bilinguismo que na alínea seguinte será referenciado.

13. A escolha zero diz respeito a ausência de uma categoria numa língua que existe na outra.

4) A classe sociolinguística¹⁴

A adopção do Português como Língua Oficial em Moçambique institucionalizou o bilinguismo no território nacional onde apenas 24,4% falam Português dos quais sómente 1,2% o tem como língua materna. Ainda numa fase prematura de organização, a sociedade moçambicana tem sofrido desde a Independência Nacional uma série de mudanças tanto económicos como sócio-políticas que afectam a formação de classes sociolinguísticas estáveis. Enquanto que por um lado se assiste a uma situação de monolinguismo quase dominante no campo, por outro se verifica a concentração nas cidades dos falantes de Português que, embora sejam uma minoria detêm a língua considerada de prestígio. O panorama sociolinguístico das cidades moçambicanas como Maputo é caracterizado pela presença de dois grupos distintos:

a) Bilingues - que falam a língua portuguesa e uma ou mais línguas moçambicanas Bantu, manuseando-as no seu quotidiano com funções distintas: no convívio familiar ou com amigos próximos utilizam a língua Bantu e na vida profissional usam a língua portuguesa; dentro deste grupo ainda se distinguem dois sub-grupos por nós classificados como de "operários" e "funcionários" de acordo com as ocupações profissionais (v. cap.II). No sub-grupo de operários enquadram-se também os deslocados de guerra cujos filhos tomam o primeiro contacto com o Português a entrada para a escola. No sub-grupo de funcionários verifica-se um fenómeno interessante -

por um lado, os pais afirmam (em conversa informal) não se comunicarem com as crianças, no quotidiano, utilizando a língua materna (Bantu) justificando que assim os seus filhos não enfrentam dificuldades na escola com a aprendizagem da língua portuguesa; por outro, os membros da nossa amostra afirmaram saber falar a sua língua materna mas restringiram o seu uso as circunstâncias em que têm de comunicar com os seus avós.

14. Classe Social dentro do grupo linguístico.

b) Monolíngues - originariamente bilingues que têm como língua materna uma língua Bantu mas não a utilizam no seu dia-a-dia e falantes nativos de Português que, embora não falem nenhuma língua moçambicana registam particularidades na sua performance típicas do contacto de línguas, não se igualando inteiramente aos falantes nativos do Português europeu. Alguns destes indivíduos pertencentes a uma classe economicamente privilegiada utiliza a língua portuguesa mais frequentemente que a língua materna, limitada a situações de comunicação determinadas. Porém, apesar de manusearem diariamente o Português apresentam na sua proficiência desta língua desvios a norma europeia que se fossilizaram numa fase da aprendizagem. Os seus filhos, a entrada para escola já falam a língua portuguesa.

Tal como para o grupo anterior foram agrupados os membros da amostra tendo em conta as profissões dos pais em subgrupos de "operários" e "funcionários".

Embora existam fronteiras fluídas entre os dois grupos achamos mais conveniente estabelecer a distinção entre bilingues e monolíngues, operários e funcionários, estes dois últimos existentes em ambos grupos; existem então, na Cidade do Maputo dois grandes grupos linguísticos, o dos bilingues e o dos monolíngues (filhos de monolíngues mas que não falam as línguas maternas de seus pais), dentro dos quais se enquadram operários e funcionários.

Ao nível do emprego dos pronomes de tratamento TU e VOCE observámos que as percentagens da sua utilização não apresentam diferença significativa contrastando os dois grandes grupos linguísticos. No entanto, fazendo a análise dentro de cada uma das classes sócio-linguísticas (v. quadro V).

QUADRO V

A classe sociolinguística e o uso dos pronomes TU e VOCE

Alocutar	Pronome	Monolingues		Bilingues	
		Operar	Funcion	Operar	Funcion
Irmão mais no- vo	TU	31.25%	37.5%	58.33%	20.8%
	VOCE	18.75%	12.5%	20.8%	0
Colega	TU	43.75%	43.75%	54.16%	8.3%
	VOCE	6.25%	6.25%	25%	12.5%
Colega e	TU	31.25%	18.75%	45.8%	4.16%
Professo r	TU e VOCE	6.25%	25%	20.8%	8.3%

podemos observar que as diferenças nas percentagens de selecção e emprego dos pronomes TU e VOCE são mínimas dentro do grupo de monolingues estando os índices elevados de escolha dos pronomes, não acertada em função da norma europeia alternados entre as duas classes do grupo monolingué.

No grupo de bilingues a relação não se apresenta do mesmo modo. Observando o quadro de valores podemos constatar que a classe de funcionários do grupo bilingue apresenta menor percentagem de "erro" (em relação a norma vigente em Moçambique). No entanto, é preciso ter presente que

esta classe dentro do grupo, possui apenas 5 membros (v.cap.II); porém, apesar de haver essa discrepância em termos de valores absolutos, a diferença nos índices percentuais não é significativa atendendo que a classe de funcionários representa menos de 1/3 do total de membros deste grupo.

Contrariamente as investigações sociolinguísticas levadas a cabo nas sociedades americana por Labov (1964), britânica por Bernstein (1971) e Milroy (1980) e canadiana por Cummins (1985) cujas conclusões identificam a classe social¹⁵ como factor determinante na performance dos falantes, o emprego dos pronomes de tratamento em Maputo não é determinado pela classe social dos falantes.


15. Classes sociais mais baixas.

Um aspecto que nos foi possível observar é proximidade dos resultados dos falantes da classe "operários" do grupo A e do grupo B do mesmo modo que a classe "funcionários" do grupo A apresenta valores próximos dos da mesma classe do grupo B. Este fenómeno pode ser explicado recorrendo a localização geográfica das residências dos membros de ambos os grupos (v.anexo). Uma das variáveis usadas para classificação das classes sociolinguísticas foi também o local de residência. Uma vez que se encontram a residir no mesmo bairro os falantes de ambos grupos estão inseridos no mesmo meio interagindo dentro dela; a oferta linguística e o tipo de relações que estabelecem e as situações de comunicação com as quais se confrontam são idênticas para ambos os grupos; inseridos num meio bilingue como parece ser o caso dos bairros da periferia da cidade, os falantes sejam eles bilingues ou monolingues vão apresentar o mesmo tipo de interferência.

Do mesmo modo, os resultados das classes de "funcionários" apresentam-se similares; estas classes em ambos os grupos são as que possuem maiores índices de utilização da língua portuguesa distanciando-se assim, da interferência registada naqueles cujo contacto é mais directo. Todavia, continuamos a considerar que a classe social não tem papel determinante na proficiência dos sujeitos. Para além dos índices percentuais apresentados esta hipótese foi testada através do teste estatístico do Qui-quadrado de duas variáveis - classe sociolinguística

e a frequência de emprego dos pronomes TU e VOCE. Os valores do X2 foram de 2.62 e 3.21 calculados a um nível de significância de 0.05. Revelaram-se inferiores ao valor crítico (7.82) mostrando que não existe relação entre a classe sociolinguística e a frequência de emprego dos pronomes TU e VOCE; elas são variáveis independentes.

Existem vários factores que concorrem para a aceitação desta hipótese como verdadeira. Entre eles podemos destacar:



a) Contexto sócio-cultural que rodeia tanto falantes bilíngues como monolíngues e que contribui para a aproximação das frequências entre as classes operárias de cada grupo e as classes de funcionários também dos dois grupos;

b) Domínio da língua Portuguesa, formação profissional e habilitações literárias dos professores;

c) Infraestruturas escolares e materiais didácticos.

Os resultados não nos permitem fazer afirmações que digam respeito as alíneas b e c. Da alínea a) as inferências basearam-se nas localizações geográficas das residências dos aprendentes.

CAPITULO IV

CONCLUSOES E RECOMENDACOES

1) Conclusões

No final deste trabalho podemos assegurar com certa confiança que por um lado, o emprego dos pronomes de tratamento da 2ª pessoa do singular no Português em Moçambique, não está ligado a classe sociolinguístico ocupado pelo falante; por outro, através de uma breve análise contrastiva se constatou haver interferência da língua Tsonga nas línguas portuguêsas, ao nível da selecção do pronome e das concordâncias por ele geradas. Sabendo que as línguas humanas se diferenciam pelos modos de classificação e expressão da realidade, na aquisição da sua língua materna o sujeito adopta a classificação e as formas de expressão inerentes a sua língua materna criando hábitos que transfere para L2.

No presente trabalho colocou-se como hipótese a existência de uma interferência do Tsonga, que possui apenas o pronome WENA para o tratamento de menor formalidade da 2ª pessoa do singular, na língua portuguesa onde a distinção é feita entre TU e VOCE. Neste fenómeno de transferência ocorrem do tipo:

* Você estás bom?

* Não sei como você passate as suas férias.

Análise Contrastiva

causados por uma sobregeneralização ou até por ignorância das restrições das regras, estratégias adaptadas pelo aprendente no processo de aprendizagem de uma L2, ou ainda de escolha zero na escola de dificuldades.

Foram usadas, ao longo da análise, as variáveis classe sociolinguísticas, relação entre os locutores e interferência do Tsonga. Constatou-se que:

- O desvio, em relação a norma do Português europeu, no emprego dos pronomes de tratamento TU e VOCE parece ser, inicialmente, um erro resultante da interferência do Tsonga, fenómeno natural do processo de aprendizagem de uma L2 que vai desaparecendo graças a exposição a uma oferta linguística rica, da qual recebem modelos correctos, simultâneo a acção correctiva do contexto social (meio).

Porém, no caso concreto de Moçambique e especialmente da Cidade de Maputo, existindo um número reduzido de falantes natos o universo de referência cinge-se aqueles que possuem a Língua Portuguesa como L2 e que também manifestam desvios na sua performance, fossilizados numa fase do processo de aprendizagem.

No nosso estudo pudémos verificar que falantes monolingues (natos) de Português exibem, em percentagens muito próximas, os mesmos de mais intimidade ou familiaridade, que os falantes de Português como L2. Embora sejam filhos de falantes bilingues, estas crianças revelaram-se monolingues; contudo, em relação a semelhança nas performance dos dois grupos de sujeitos, concluiu-se que em Moçambique as crianças bilingues estudam e bricam na escola e nos locais de residência, com outras crianças bilingues que manifestam interferências ao nível do uso de TU e VOCE não respeitando as restrições estabelecidas pela norma europeia. Este "desvio" é alargado aos falantes

monolingues inseridos no mesmo contexto sócio-cultural, facto observado através dos dados por nós recolhidos e analisados.

Concluiu-se então que, por um lado o monolinguismo ou o bilinguismo do aluno moçambicano não influencia a sua performance da língua portuguesa.

Por outro lado foi também verificado que dentro de cada grupo - monolingue ou bilingue - não existe diferença considerável nos dados percentuais da sua performance. Os alunos usam o pronome VOCE em actos de fala directivos dirigindo-se a interlocutores, com laços de amizade e parentesco, motivados pela autoridade e distância que observam dos pais ou parentes mais idosos. No entanto, em contextos de uso alargado da língua observou-se uma tendência para o emprego exclusivo do TU, levando-nos a concluir que este é o pronome cuja estrutura e emprego melhor conhecem e dominam; Esta conclusão é sustentada pelos erros que cometem ao usar VOCE.

Concluiu-se que a classe sociolinguística, uma variável importante do nosso trabalho, não determina o "desvio" (em relação a norma europeia) exibindo na performance dos falantes/aprendentes moçambicanos de Português a nível da utilização dos pronomes de tratamento da 2ª pessoa do singular - TU e VOCE - e das concordâncias (verbal, pronominal) por eles geradas, contrariamente aos resultados de investigações realizadas em sociedades europeias e americanas que apontam o estatuto sócio-económico dos falantes como factor determinante na performance dos alunos na sua L2 ou LA.

A hipótese anteriormente apresentada foi testada através da tabela do X² (Qui-quadrado) sobre frequências absolutas, a um nível de significância de 0.05, o valor crítico achado foi maior que o valor calculado do X². Aceitou-se assim, a hipótese que apresenta a classe

sociolinguística e o emprego dos pronomes como variáveis independentes.

2) Recomendações

Pesamos ser de grande importância que, em trabalhos posteriores baseados em perspectivas similares as desta dissertação fossem estudados outros tipos de actos de fala produzidos por falantes da mesma faixa etária e do mesmo nível de escolarização. Seria interessante verificar também se, em outras províncias de Moçambique, a interferência das línguas Bantu aí faladas se manifesta do mesmo modo que a do Tsonga, depois de uma análise contrastiva e de erros entre esta língua e o Português com dados de crianças da mesma idade, com falantes de grupos etários mais elevados e de diferentes estatutos sócio-económicos; este trabalho poderia envolver também dados sobre a escola (o professor e os materiais didácticos).

Uma investigação futura nesta área poderia incorporar sujeitos falantes natos de Português, residentes em Portugal, de igual modo estudantes da 5ª Classe e da mesma idade que os nossos, a qual certamente forneceria contributos valiosos para o estudo dos pronomes de tratamento da língua portuguesa e das circunstâncias que determinam o seu emprego.

INQUÉRITO SOCIOLINGUÍSTICO

- 1 - NOME:
- 2 - IDADE:
- 3 - COM QUEM VIVES?
- 4 - EM QUE BAIRRO VIVES?
- 5 - a) ONDE TRABALHA O TEU PAI?
b) E A SUA MÃE?
- 6 - QUAIS SÃO AS LÍNGUAS QUE SABES FALAR?
- 7 - FALAS PORTUGUÊS EM CASA?
- 8 - QUAL É A LINGUA QUE FALAS:
 - a) No intervalo?
 - b) Na sala de aulas?

EXERCÍCIO I

1. Qual é o pronome que usas quando:

a) falas com o teu irmão mais novo?

tu você

b) mandas o teu colega calar?

tu você

EXERCÍCIO II

1. Faz de conta que foste passar as férias longe da tua casa e da escola. Vais escrever uma carta ao teu professor. Na tua carta vais:

perguntar como ele está

contar como estão a correr as tuas férias.

perguntar-lhe como está a passar as férias dele.

perguntar quando começam as aulas

despedir-te do teu professor.

EXERCÍCIO III

1. Agora faz de conta que tens de escrever uma carta ao teu amigo ou ao teu colega. Nesse carta vais:

perguntar como ele está e como vão as férias

contar como estás a passar as férias

dizer-lhe como têm sido as brincadeiras

perguntar-lhe quando começam as aulas

despedir-te do teu amigo.

TABELA DE CONTINGENCIA DO QUI -QUADRADO

classe sociolinguistica pro nomes	MONOLINGUES		BILINGUES		TOTAL
	operários	funcionários	operários	funcionários	
TU	5 / 3.75	3 / 4.37	11 / 10	1 / 1.87	20
TU VOÇE	1 / 2.25	4 / 2.62	5 / 6	2 / 1.12	12
	6	7	16	3	32

$$X^2 = \sum \frac{(f_o - f_e)^2}{f_e}$$

$$g_l = (c-1) (l-1)$$

H0 = não existe relação entre classe sociolinguistica e emprego de TU e VOÇE no mesmo contexto

H1 = existe relação entre classe sociolinguistica e emprego de TU e VOÇE

No mesmo contexto

$$X^2 = 3.21$$

$$g_l = (2-1) (4-1) = 3$$

$$\text{VALOR CRITICO} = 7.82 \quad p > 0.05$$

O VALOR CRITICO É MAIOR QUE O X2 . ACEITA -SE A HIPOTESE NULA E REJEITA-SE

A ALTERNATIVA

Classe sociolinguística pro- nomes	MONOLINGUES		BILINGUES		TOTAL
	operários	funcionários	operários	funcionários	
TU	5 / 6	6 / 6	14 / 14.25	5 / 3.75	30
VOCE	3 / 2	2 / 2	5 / 3.8	0 / 1.25	10
	8	8	19	5	40

H₀ = não existe relação entre classe sociolinguística e emprego de TU ou VOCE para tratamento de intimidade

H₁ = existe relação entre classe sociolinguística e emprego de TU ou VOCE para tratamento de intimidade .

$$X^2 = \sum \frac{(f_0 - f_e)^2}{f_e}$$

$$gl = (c - 1) (l - 1)$$

$$X^2 = 2.62$$

$$= (2-1) (4-1) = 3$$

Valor crítico = 7.82

$$p > 0.05$$

$$X^2 < \text{Valor crítico}$$

O valor crítico é maior que o valor do X² . Aceita-se a hipótese nula e rejeita-se a alternativa .

BIBLIOGRAFIA

- Ali, M.S. (1964): Gramática Histórica da Língua Portuguesa, São Paulo: Edição Melhoramentos.
- Appel, R. and Muysken, P. (1987): Language contact and Bilingualism, London: Arthenaeum Press.
- Bernstein, Basil (1971-5): Class, codes and control, London: Routledge & Kegan Paul, Vol.1-3.
- Bloomfield, Leonard (1970): Le Langage, Paris: Payot.
- Blum-Kulka, Shoshana (1982): Learning to say what you mean in a second language: A study of the speech act performance of learners of Hebrew as a second language of Hebrew as a second language". in Applied Linguistics. Vol. III, nº1, pp.29-58.
- Brann, Conrad M.B. (1980): Mother Tongue, other Tongue and Further Tongue, (s.l.): University of Maiduguri. Inaugurad series 4.
- Butler, C. (1985): Statistics in Linguistics, Oxford: Basil Blackwell.
- Camilleri, C. (1986): Cultural Anthropology and Education, Paris: Unesco.
- Chomsky, Noam (1985): Aspects of the Theory of syntax, Cambridge: M.I.T. Press.
- ① Cintra, L.F.L. (1972): Sobre "Formas de tratamento" na Língua Portuguesa, Lisboa: Livros Horizonte.

- Corder, S.P. (1979): **Error Analysis and Interlanguage**, Oxford: University Press.
- Corder, S.P. (1981): "The language Distance and the Magnitude of the learning Task", in S.P. Corder (1981), pp.95-102.
- Cummins, J. and Swain, M. (1986): **Bilingualism in Education: Aspects of theory, research and practice**. London: Longman.
- Cunha, C.F. da (1986): **Gramática da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Fundação de Assistência do Estudante.
- Cunha, C.C. Cintra, L.F.L. (1984): **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Diniz, M.J.C. (1986): **Análise de erros na frase relativa**, Dissertação de licenciatura (não publicada). Universidade Eduardo Mondlane.
- Ducrot, O. e Todorov, T. (1982): **Dicionário de Ciências da linguagem**, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Duloy, H.; Burt, M. e Krashen, S. (1982): **Language Two**, New York: University Press.
- Els, T. Van; et. al (1987): **Applied linguistics and the learning and teaching of foreign languages**, suffolk: Eduard Arnold.
- Ervin-Tripp, S. (s.d.): "An Analysis of the interaction of language, topic and listener", in J. Fisham (1968) Reading in the sociology of language. The Hague: Mouton. pp. 192-211.
- Falrch, C. and Kasper, G. (1983): **Strategies in interlanguage communication**, London: Longmar.

- Fernandez, M.A. (1981): "Aspectos lingüísticos da la educación bilingüe" in Revista de Educacion, Madrid: Ministério de Educacion Y Ciência, nº268, pp. 179-200.
- Fishman, J.A. (1968) (ed): Readings in the sociology of language, the Hague: Mouton.
- Fishman, J.A. (1989): Language and Ethricity in minority sociolinguistic perspective, clevedon: Multilingual Motters, Ltd.
- Franchi, E.P. (1983): "A norma escolar e a linguagem da criança" in: Educação e sociedade, São Paulo: (s.n.), pp.85-101.
- Heron, A. (1979): Planning Early Childhood care and Education in developing countries. Paris: Unesco.
- Klein, W. (1986): Second-Language Acquisition, cambridge: Cambrodge University Press.
- Labov, W. (s.d.): "The reflection of social Process in Linguistic Structurs: J. Fishman (1968): Readingsin the Sociology of language" The Hague: Mouton, pp. 240-251.
- Lado, R. (1957): Linguistics Aecross Cultures: Applied Linguistics for language teachers, Ann Arbon: The University of Michigan Press.
- Leech, G.N. (1983): Principles of Pragmatics, London: Longman.
- Littlewood, W.T. (1984): Foreign and second language learning: language-acquisition research and its implications for the classroom, Cambridge: Cambridge University Press.
- Lyons, J. (1971): "Chomsky" Paris: Segheirs.

Mateus, M.H.M.; et. al. (1989): Gramática da Língua Portuguesa, Lisboa: Editorial Caminho.

Milroy, J. (1980): Language and social Networks, Oxford: Basil Blackwell.

Norrish, J. (1983): Language Learners and their errors, London: Macmillan Press.

Preston, D.R. (1989): Sociolinguistics and second language Acquisition. Oxford: Basil Blackwell.

Richards, J.C. and Rodgers, T.S. (1989): Approaches and Methods in language teaching: a description and analysis, Cambridge: University Press.

Richards, J. (1978) (e.d.): Understanding second & Foreign Language learning: Issues & approaches, Rowley: Newburg House Publishers.

Richards, J.; et. al. (1985): Longman Dictionary of Applied linguistics, London: Longman. *Pág 29*

Soares, Magda (1986): Linguagem e Escola: uma perspectiva social, São Paulo: Editora Atica.

Stern, H.H. (1987): Fundamental concepts of language Teaching, Oxford: Oxford University Press.

Trudgill, P. (1974): Sociolinguistics: An introduction, New York: Penguin Books.

Wardhaugh, P. (1986): An introduction to sociolinguistics, Oxford: Basil Blackwell.